

**UM OLHAR PARA O HABITAR DO ESTUDANTE: ANTEPROJETO
ARQUITETÔNICO DE UMA MORADIA ESTUDANTIL
PARA ITAPIRANGA-SC**

A LOOK AT STUDENT INHABIT: ARCHITECTURAL PROJECT OF A STUDENT
HOUSING FOR ITAPIRANGA-SC

Larissa Bavaresco¹

Claudine Machado Badalotti²

Franciele Rohr³

Revista Infinity

Revista dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil e Engenharia de
Produção da Uceff.

Vol 5, n. 2, 2020

ISSN 2525-3204

¹ Graduada no curso de Arquitetura e Urbanismo da Unidade de Educação Fai Faculdades – UCEFF de Itapiranga.

² Mestra em História pela UPF. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UPF.

³ Mestra em Construção Civil e Preservação Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unidade de Educação Fai Faculdades – UCEFF de Itapiranga.

Resumo

Em um contexto atual, com a expansão do ensino superior e crescimento do acesso à universidade se faz necessário políticas que englobam os espaços universitários como forma de permanência dos estudantes e fácil acesso na universidade, com isso surge a moradia estudantil, objeto fundamental de habitação que mantém a integração com o eixo estudantil. A vida acadêmica envolve um conjunto de fatores e experiências para os estudantes do ensino superior, principalmente a vida em coletividade. A moradia estudantil é abordada neste trabalho como um equipamento público/privado com potencial de sociabilidade entre todos os usuários. Dessa forma, a proposta engloba um anteprojeto arquitetônico de uma moradia estudantil para a cidade de Itapiranga-SC, onde existe a Instituição de Ensino Superior privada UCEFF (Unidade Central de Educação Fai Faculdades), que recebe acadêmicos de diversas regiões necessitando apoio na moradia para a construção de identidades sociais e relação com a cidade e com a própria instituição.

Palavras-chave: Integração; Moradia estudantil; Universidade

Abstract

In a current context, with the expansion of higher education and the growth of access to the university, it is necessary policies that encompass university spaces as a way for students' stay and easy access to the university. With this comes the student housing, fundamental object of housing that maintains the integration with the student axis. The academic life involves a set of factors and experiences for students of higher education, mainly life in community. The student housing is addressed in this project as a public/private facility with the potential for sociability among all users. That way, the purpose includes an architectural draft project of a student housing for the city of Itapiranga-SC, where there is the private Higher Education Institution UCEFF (Unidade Central de Educação Fai Faculdades), which receives academics from various regions in need of housing support for the construction of social identities and relationship with the city and the institution itself.

Key words: Integration; Student Housing; University

Introdução

A demanda de profissionais qualificados para o mercado de trabalho cresceu, e com isso a busca por Instituições de Ensino Superior (IES) também sofreu um aumento gradativo nos últimos anos. O papel da IES, segundo Freitas (2008), é preparar indivíduos com base em uma carreira intelectual, científica e técnica e para tal objetivo, os jovens devem dedicar-se à essa formação durante um longo período. Assim, as universidades recebem alunos dos mais variados lugares.

Conforme afirma Moreira (2016), pela falta de oportunidades nas suas cidades de origem, os estudantes buscam novos lugares para ingressar no ensino superior, o que caracteriza a migração, fazendo com que se direcionam a centros maiores onde o cotidiano será afetado pelos laços culturais e sociais de cada local. Para essas pessoas, o que destaca Freitas (2008), a estratégia de moradia mais comumente encontrada é compartilhar esses locais com outros estudantes que estejam nessa mesma situação.

Diante disso surge, então, a moradia estudantil, a partir de uma política de reivindicações pelo direito de habitação dos estudantes e é mantida como sendo um “território urbano que têm em sua formação práticas sócio-culturais e mobilização política, envolvendo a experiência coletiva como principal eixo estruturante” (WIESE, 2017). Com isso, a habitação é definida como a relação entre casa e moradia, integrada com uso comum e está ligada com a vida das pessoas em coletividade. Diante disso, o termo moradia estudantil pode ser considerado como uma habitação, já que possui simbolismo a um conjunto de pessoas que dividem as mesmas características (GOETTEMS, 2012).

O presente artigo visa entender conceitos em torno da palavra “moradia estudantil” e a partir disso, a realização de um anteprojeto arquitetônico para instalação de uma moradia estudantil na cidade de Itapiranga-SC. Sendo assim, este trabalho está estruturado primeiramente, em um referencial teórico com utilização de dados e pesquisa bibliográfica que servem como base para a proposta. Posteriormente, são levantadas todas as questões pertinentes à localização do projeto, com levantamento de dados e visitas *in loco*. Por fim, as considerações finais trazem a conclusão do projeto, destacando os objetivos alcançados para tal pesquisa.

Relação da moradia estudantil com o estudante

O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Acadêmicos (Fonaprace *apud* Andrés, 2011) realizou uma pesquisa referente a estudantes brasileiros,

onde os resultados mostram que a moradia está entre os principais indicadores sociais da sobrevivência humana, além de alimentação, trabalho, saúde e transporte. O local de moradia do estudante indica claramente a qualidade das condições de vida. A pesquisa ainda relata que 35% dos estudantes, ao ingressar em uma universidade, precisam sair do contexto familiar, necessitando de moradia e apoio afetivo.

A moradia estudantil é observada como uma habitação que deve oferecer o suporte de diversas atividades para seus moradores, tanto em questões físicas, conforto e bem-estar, quanto nas questões que envolvem o psicológico, o que permite o sonho, a socialização, o que vem à tona a essência de um lar que geralmente garantem essas necessidades (GOETTEMS, 2012).

Apesar da palavra moradia ter características “transitórias” é considerável o fato de que ela deve manter a identidade dos estudantes que lá vão permanecer durante o período do ensino superior, fazendo com que se torne o verdadeiro lar e encontrem naquele local o seu ponto de refúgio. O fato de viver nesse meio comunitário que as habitações estudantis oferecem, afirma Machado (2001), traz consigo uma bagagem de experiências mais amplas, além do morar e estudar, proporcionando relações entre diferentes classes sociais, culturas e formações.

De acordo com Fonaprace (1996, *apud* Barreto, 2014) é importante e compensador investir na melhoria das condições e da qualidade de vida dos universitários mais carentes. O oferecimento desse tipo de auxílio está associado com a redução efetiva da evasão no ensino superior, uma vez que muitos dos estudantes não possuem condições econômicas para suprir os custos necessários que são demandados.

Relação das universidades com a moradia

Conforme dados do Censo, divulgados pelo MEC (Ministério da Educação) e INEP (Instituto Nacional de Estudos e Estatísticas Educacionais Anísio Teixeira), no ano de 2016 foram ofertados 34.366 cursos de graduação em 2.407 instituições de ensino superior (IES) no Brasil. Neste mesmo ano, os dados mostram que aproximadamente 3 milhões de alunos ingressaram em algum curso do ensino superior, do qual 82,3% destes, são em instituições privadas (INEP, 2017). Partindo dessas informações, conclui-se que a universidade é a realidade de muitos jovens brasileiros nos dias de hoje, mas apesar das inúmeras universidades públicas, as instituições particulares possuem o maior número de alunos.

A presença das universidades afeta de forma significativa o desenvolvimento econômico e social das cidades, o que acaba refletindo positivamente para o mercado habitacional, a partir da demanda de moradia gerada pelos estudantes, funcionários e professores (ZANCUL, 2017). Dessa forma, a busca pelo ensino superior se torna realidade para a maioria dos jovens que priorizam a educação como forma de desenvolvimento profissional.

Como forma de apoio aos estudantes universitários, o governo federal cria programas de assistência estudantil que viabiliza a igualdade entre todos os alunos a fim de contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico por meio de infraestrutura disponibilizada nas universidades. Com isso surgem as moradias estudantis, serviços de alimentação, saúde e inclusão social.

Por muitas vezes, o acesso ao ensino superior não se torna tão simples pelas universidades estarem localizadas em cidades maiores, fazendo com que os alunos necessitam se deslocar de suas cidades de origem para estes locais. Assim, com a saída dos estudantes para outras regiões fez-se necessário uma nova moradia próxima a instituição.

Breve histórico e definições

No século XII, conforme cita Estanques (2006, *apud* Freitas, 2008), com o surgimento das primeiras universidades da Europa, surgiram também as primeiras casas comunitárias de estudantes, onde habitavam também professores de uma mesma região, nacionalidade ou diocese. Na concepção de Hinterholz (2017), afirma que as moradias estudantis têm total ligação com o crescimento das universidades, que atendem alunos vindos de diferentes locais, dando origem às primeiras organizações coletivas de habitação estudantil.

Como cita Machado (2001), os *colleges* norte-americanos, chamadas universidades nos Estados Unidos, estavam localizados em cidades menores o que ocasionava o deslocamento de um grande número de estudantes para essas cidades e afetava as condições de moradias. Com isso, os universitários acabavam morando dentro do campus, onde a instituição mantida o controle de vida dos moradores. Partindo disso, surgiram organizações de grupos fechados dos estudantes que visava a busca por moradia, principalmente.

No contexto histórico no Brasil, ainda no século XIX, grupos de estudantes se juntaram para morar em casarões e sobrados, surgindo, então, as primeiras moradias

estudantis na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais (SENCE,2008). Após isso foi criada, no ano de 1929 a Casa do Estudante no Rio de Janeiro e então iniciou uma série de reivindicações de moradias para as universidades federais, principalmente (COSTA e OLIVEIRA,2012).

Atualmente, no Brasil existem diversas casas de estudantes, organizadas de várias formas, tanto em layout e dormitórios disponíveis, como na infraestrutura disponibilizada pela instituição. No caso das moradias em instituições públicas a concorrência por vaga é maior, pelo fato de comportar mais estudantes e a edificação deve abrigar acadêmicos em estado de vulnerabilidade social mediante comprovante do mesmo. Hoje existem pequenas casas, repúblicas gigantescas ou então modernos conjuntos habitacionais com diversos programas de necessidades.

Para considerações da Secretaria Nacional de Casa de Estudantes (2008) *apud* Andrés (2011, p. 04) a casa de estudantes tem a seguinte definição:

Casa de Estudante é todo o espaço destinado à moradia de estudantes, podendo receber as seguintes denominações: alojamento estudantil, residência estudantil, casa de estudante (universitária, secundária, pós-graduação, autônoma, estadual, municipal), repúblicas e outras, independente da renda dos(as) moradores(as).

Residência estudantil: é constituída pela moradia de propriedade da Instituição de Ensino Superior (IES) e geralmente é mantida pela mesma, podendo ser chamado de Alojamento ou moradia (SOUSA,2005). Em muitas das universidades, como destaca Freitas (2008) são oferecidas para estudantes de baixa renda como parte do programa de assistência estudantil.

Casas autônomas: são aquelas que se encontram nas proximidades da instituição, mas sem vínculo com a IES (Instituição de Ensino Superior) e administradas por pessoas autônomas, ou seja, pelos próprios moradores (ANDRÉS,2011). São casas ou apartamentos onde um grupo de estudantes se reúne para compartilhar a moradia a fim de diminuir despesas.

República estudantil: refere-se a qualquer um dos tipos apresentados anteriormente, do latim *res-publica*, coisa pública, mas ocorre quando o imóvel for locado coletivamente para fins de moradia estudantil (ANDRÉS,2011).

De acordo com Sardi (2000), nos espaços da moradia que jovens universitários formam grupos de amizade e irão compartilhar experiências de vida, cada jovem que irá habitar a moradia estudantil possui um perfil com trajetória de vida e experiências diferentes dos demais. Essa convivência desperta interesse para a realização de novas

práticas, onde é preciso a organização dos espaços sociais e de convívio, bem como imposição de regras para um bom relacionamento. Ainda nas considerações de Sardi (2000), as repúblicas estudantis permitem uma liberdade maior aos usuários, para isso é necessário que os moradores desenvolvam estratégias de autocontrole e disciplina, para que sejam conciliados estudos e prazer, não afetando na sua carreira.

Os laços de amizade, como cita Freitas (2008), dentro das moradias estudantis proporcionam cooperação, lealdade e partilha, bem como é respeitado ao espaço e valores dos outros, harmonizando os desejos e necessidades individuais com o coletivo.

Diante das considerações, um dos propósitos da moradia estudantil é permitir e facilitar o convívio dos jovens que estão longe de suas famílias através das amizades, mas também passar segurança nas habitações, facilitar o estudo com locais adequados e disponibilizar atrativos para as horas vagas. Isso só pode ser alcançado com um plano de necessidades bem elaborado para que o anteprojeto arquitetônico, de forma que atenda a demanda proporcionando qualidade e eficiência.

Aspectos funcionais

Para Vilela Júnior (2003), o programa de necessidades para essa tipologia de projeto é composto tomando por base três pilares: o convívio social, que promove a integração entre os moradores, os serviços, o qual deve suprir a demanda das atividades domésticas com mais funcionalidade e os espaços específicos, onde abrangem ambientes diferenciados para estudo, lazer e acomodação.

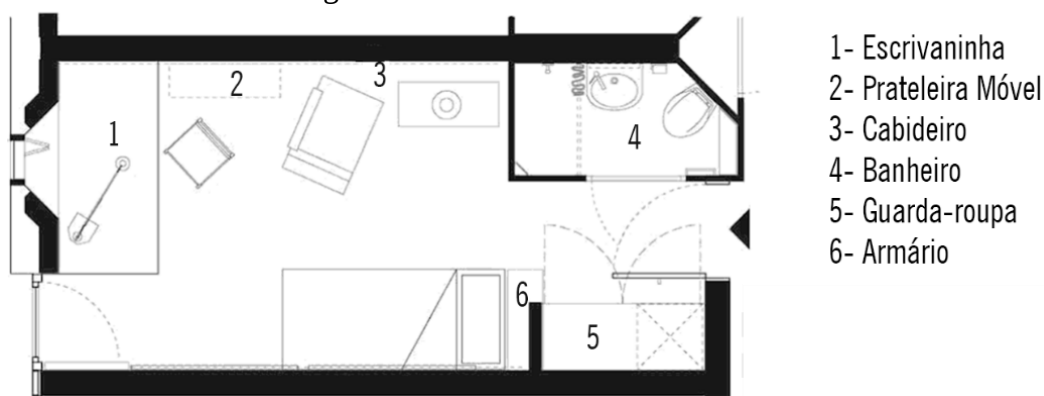
Os três pilares devem estar em todos os projetos para esse tipo de habitação, para que a moradia possa atender usuário com necessidades distintas, mas espaços bem próximos. A funcionalidade aliada com a flexibilidade são elementos chave para a organização dos espaços e adequação para diferentes perfis de estudantes. Além disso, é necessário observar o comportamento dos usuários para compreender como cada estudante habita a moradia, uma vez que, onde vai ser o espaço de estudo para um, pode não ser para outra pessoa (GOETTEMS, 2012).

Littlefield (2011) destaca que as unidades podem ser tanto compartilhadas como individuais, mas que, na maioria dos casos, são mais usuais as suítes individuais, trazendo maior privacidade e incentivando a vida coletiva fora da habitação. Essas unidades devem proporcionar ao estudante a realização de atividades diferenciadas, mas sempre oferecer um local confortável para dormir, estudar, relaxar e socializar, munido de segurança e privacidade.

Os projetos para esse tipo de habitação podem variar muito, dependendo da quantidade de unidades habitacionais e também os serviços oferecidos no empreendimento. Podendo ser individuais ou coletivas, com quartos, cozinha e banheiro, ou então ter os serviços prestados coletivamente, isso dependerá da intenção projetual e dos serviços, principalmente alimentação, havendo assim diferentes unidades (LITTLEFIELD, 2011).

Algumas noções de dimensionamento são apresentadas por Littlefield (2011), sendo que a dimensão mínima de uma unidade habitacional individual é de 8 m² quando não tem sanitário, mas o ideal seria em torno de 10 m². Para aquelas que o banheiro é dentro do quarto (suíte), em torno de 13 m² atende a necessidade, a largura de 2,8 m é aconselhável para chegar aos parâmetros de acessibilidade e permitir o giro da cadeira de rodas, como visto na figura 01.

Figura 01: Planta modelo individual

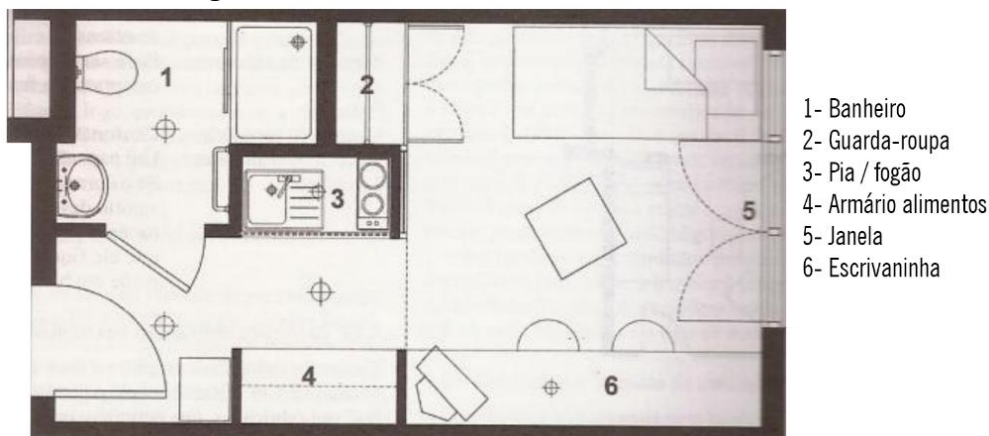


Fonte: Littlefield, 2011, adaptado pelas autoras, 2019.

Mesmo em dormitórios com dimensões mínimas, é sempre interessante manter a configuração de *layouts* alternativos, considerando que cada usuário irá dispor seus pertences de maneira diferente, na maioria das vezes, mas não interferindo na função e conforto que a habitação oferece. Os quartos maiores apresentam mais possibilidades de *layouts*, proporcionando ambientes diferentes, podendo existir divisórias sem necessidade de ter parede, apenas como móveis (LITTLEFIELD, 2011).

A ideia de dimensionar cozinha dentro do dormitório é bem aceita pelos usuários, podendo compor uma pequena área de serviço em anexo (VILELA JÚNIOR, 2003). Na perspectiva de Littlefield (2011), quando a cozinha não é utilizada coletivamente, a habitação precisa ter um espaço destinado para este serviço, necessitando um tamanho de 18 m², contando com banheiro, área de dormir e estudos, conforme figura 02.

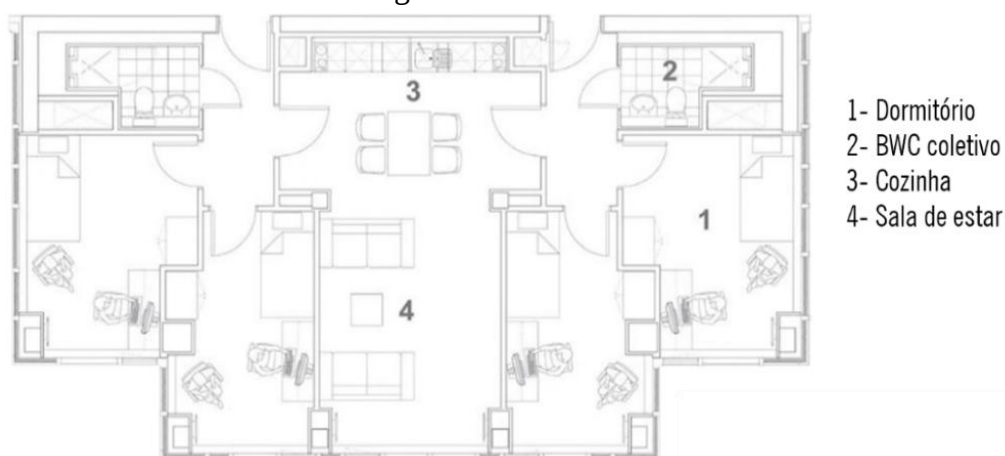
Figura 02: Planta modelo individual com cozinha



Fonte: Littlefield, 2011

Ao analisar as moradias como um todo, é preciso avaliar a necessidade de ambientes diferenciados e integrados, promovendo a coletividade e bem-estar dos usuários, quanto a isso, algumas residências podem apresentar salas coletivas, espaços de lazer, salão de festas, entre outros equipamentos, estes, porém somente serão executados se o número de estudantes for suficiente para justificá-lo (LITTLEFIELD, 2011), segundo figura 03.

Figura 03: Planta coletiva



Fonte: Littlefield, 2011

Público alvo das residências estudantis

Os moradores das residências universitárias são pessoas que tem por intuito ingressar no nível superior, porém a realidade de muitos acadêmicos é de deixar as suas cidades de origem e se juntar com outras pessoas em situação semelhante para dividir a moradia (SOUSA, 2005). Nesse sentido, destaca Barreto (2014, p. 95), a “moradia estudantil deve atender os alunos da graduação, regularmente matriculados em seus cursos, identificados por meio da análise do seu perfil socioeconômico”.

Em muitas universidades as repúblicas, também chamadas de residências universitárias, são oferecidas pela própria instituição como parte do programa de assistência a estudantes de baixa renda advindos de municípios que não são o da sede da universidade (FREITAS, 2008, p. 04).

De acordo com Littlefield (2011), esses moradores possuem um perfil de pessoas jovens, solteiros e geralmente com poucos recursos financeiros. As universidades recebem estudantes provenientes dos mais distintos lugares, isso acarreta na diversidade étnica, social, cultural, econômica e etária (GOETTEMS, 2012).

Os jovens, segundo classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) *apud* Goettems (2012), encontram-se na idade entre 15 e 24 anos, mas para essa pesquisa são consideradas pessoas entre 18 e 30 anos, que representa o período da vida universitária para a maioria. A partir disso, Sousa (2005) define como uma “idade de transição”, a qual a constituição da identidade, valores e personalidade, está em definição para a fase adulta.

Conforme a pesquisa de Littlefield (2011), ele destaca que os estudantes têm algumas preocupações em relação às moradias estudantis, tais como:

- Valor do aluguel, avaliando o custo-benefício;
- Proximidade com a universidade, cidade e amigos;
- Acesso à internet e tecnologias;
- Local com pouco ruído na vizinhança;
- Conforto básico;
- Dormitórios ou suítes privativas;
- Segurança;

A SENCE (Secretaria Nacional de Casas de Estudantes) ainda destaca que, prioritariamente, o público alvo para a casa do estudante são aqueles estudantes que estão em vulnerabilidade socioeconômica e cultural (ANDRÉS, 2011).

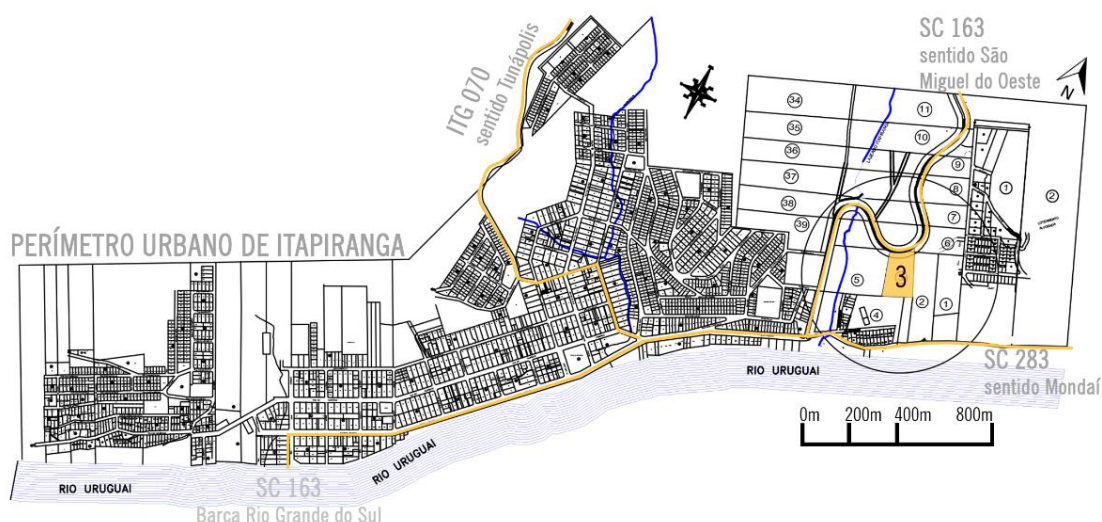
Diretrizes projetuais

Conforme abordado no levantamento bibliográfico, a moradia estudantil é um fator determinante para que os estudantes permaneçam no ensino superior, desse modo, deve manter um papel multifuncional fazendo parte da urbanização da cidade, com atividades individuais e coletivas, que supram a necessidade do público alvo, mas também da população em geral.

Dessa forma, ao realizar o estudo voltado para a cidade de Itapiranga-SC, analisando o número de acadêmicos da Instituição que são oriundos de outras cidades, é notória a carência de equipamentos habitacionais que garantem a moradia acessível para os estudantes, observando questões de proximidade com o campus e locais adequados para habitar em um período temporário.

Com o intuito de propor integração entre a moradia, a cidade e o centro universitário, o projeto está aliado a criação de um espaço urbano dentro do campus, onde tudo estaria em conectividade, envolvendo alunos, professores e colaboradores, além da população da cidade. Portanto, para o projeto, foi escolhido um terreno ao lado da Uceff, com a justificativa de proximidade e fácil acesso. O lote não possui ocupação atualmente e está localizado dentro de uma área de futura expansão da cidade de Itapiranga, como pode ser observado no destaque da figura 04.

Figura 04: Mapa da cidade com destaque para a área de intervenção.



Fonte: Prefeitura de Itapiranga, adaptado pelas autoras, 2019

O lote pode ser observado na figura 05, possui um total de 20.663,42m², a qual deve ser descontado da área útil o valor referente a faixa de domínio da rodovia SC 163 que confronta ao norte com o terreno, tendo essa área como *non aedificandi*, conforme legislação 6.766 do DEINFRA-SC. A área de intervenção confronta ao sul com a Uceff, mas o acesso de veículos ocorre pela SC 163.

Figura 05: Localização do terreno.

**LEGENDA:**

— Terreno do projeto

Fonte: Google Maps, adaptado pelas autoras, 2019

Em conformidade com o Código de Obras do município de Itapiranga, onde estabelece a Lei nº 51 de 2012, que trata sobre o uso e ocupação do solo, o lote se encontra na Zona de Interesse Residencial I.

O terreno está situado imediatamente ao lado da Uceff, onde facilita o acesso para os moradores e também se integra com a instituição, com a finalidade de criar espaços que atendem todos os públicos que ela recebe, formando um único conjunto, mas separando espaço estudantil da área de moradia.

O Quadro 01 mostra os índices urbanísticos explícitos na legislação e calculados conforme o terreno em estudo, onde são fatores determinantes para a realização do projeto arquitetônico.

Quadro 01: Parâmetros urbanísticos

ZONA DE INTERESSE RESIDENCIAL 1 (ZIR 1)							
M I S T O		Área mínima	Testada mínima	Recuo frontal	Taxa de ocupação	Índice de Aproveitamento	Taxa de Permeabilidade
	LEI	360,00m ²	12,00m	1,50m	R - 70% C - 80%	2,9	10%
	CÁLCULO				R-14464,40m ² C-16530,73m ²	24796,104m ²	2066,34m ²

Fonte: Lei Municipal Nº 51, 2012, adaptado pelas autoras, 2019

Partindo dessas informações, são locados setores diferentes no terreno, conforme o uso e seu público. Para isso, a proposta inicial é baseada na criação de blocos dispersos no lote, onde cada bloco possui uma função específica, abrigando quatro principais setores. No setor habitacional, ficarão locados os dormitórios, para o setor de uso coletivo, ficam os equipamentos de uso coletivo, sendo restrito para os moradores e se integrando com as habitações. No setor de uso comum, que é voltado para o público em geral, ficariam espaços com salas de *coworking*, um auditório e um restaurante universitário, além dos espaços abertos de lazer. Por fim, o setor administrativo, que gerencia toda a estrutura, recebe e direciona para as demais atividades.

Conceito e partido

Com a proposta de habitação coletiva, os estudantes são sujeitados a compartilhar espaços e dividir sentimentos. Essa integração propicia aos usuários a vida em coletividade, onde desperta o conceito de habitabilidade repassando a sensação de “se sentir em casa”, mesmo distante da família. Dessa forma, o conceito para o projeto abrange a criação de um laço afetivo entre estudantes e a moradia, para despertar o hormônio da Endorfina, que funciona como analgésico para o corpo, liberando paz, bem-estar e conforto.

Aliando com o partido, a proposta do projeto tem como parte principal o setor habitacional, que deve transpassar aconchego. Para isso, busca-se uma forma arquitetônica que remeta linhas retas e aparência das tradicionais casas, com dois telhados inclinados, fazendo despertar o sentimento do “habitar” e a sensação de “se sentir em casa”.

Além disso, é importante os usuários estarem em integração, para isso a proposta engloba a disposição de ambientes internos e externos de convivência e lazer, onde possa existir a liberdade, mas também a conectividade com outras pessoas. Desse modo, são dispostos os blocos separadamente, assim como na fórmula da Endorfina, que é composta por elementos distintos, mas todos possuem uma ligação formando um único conjunto. Esses espaços de conexão entre os blocos são compostos por ambientes ao ar livre que promovem a convivência.

Proposta de Anteprojeto Arquitetônico de uma Moradia Estudantil para a cidade de Itapiranga-SC

Para a proposta, foi adotado o acesso veicular existente ao lote, sendo pela SC 163, facilitando a entrada para o público externo. Para esse acesso foram elaboradas pistas de refúgio entorno da rodovia, por ser caracterizada como uma via de trânsito rápido, é importante manter um acesso seguro. O espaço que da faixa de domínio no lote foi ocupado por uma área de convivência em conformidade com o desnível e também trazendo uma gentileza urbana para o acesso. Logo na entrada do terreno está disposto o bloco do auditório e restaurante, à esquerda da Figura 06, com uma arquitetura de linhas retas e seu formato imponente com estrutura metálica e também outro bloco para o setor administrativo, à direita da Figura 06.

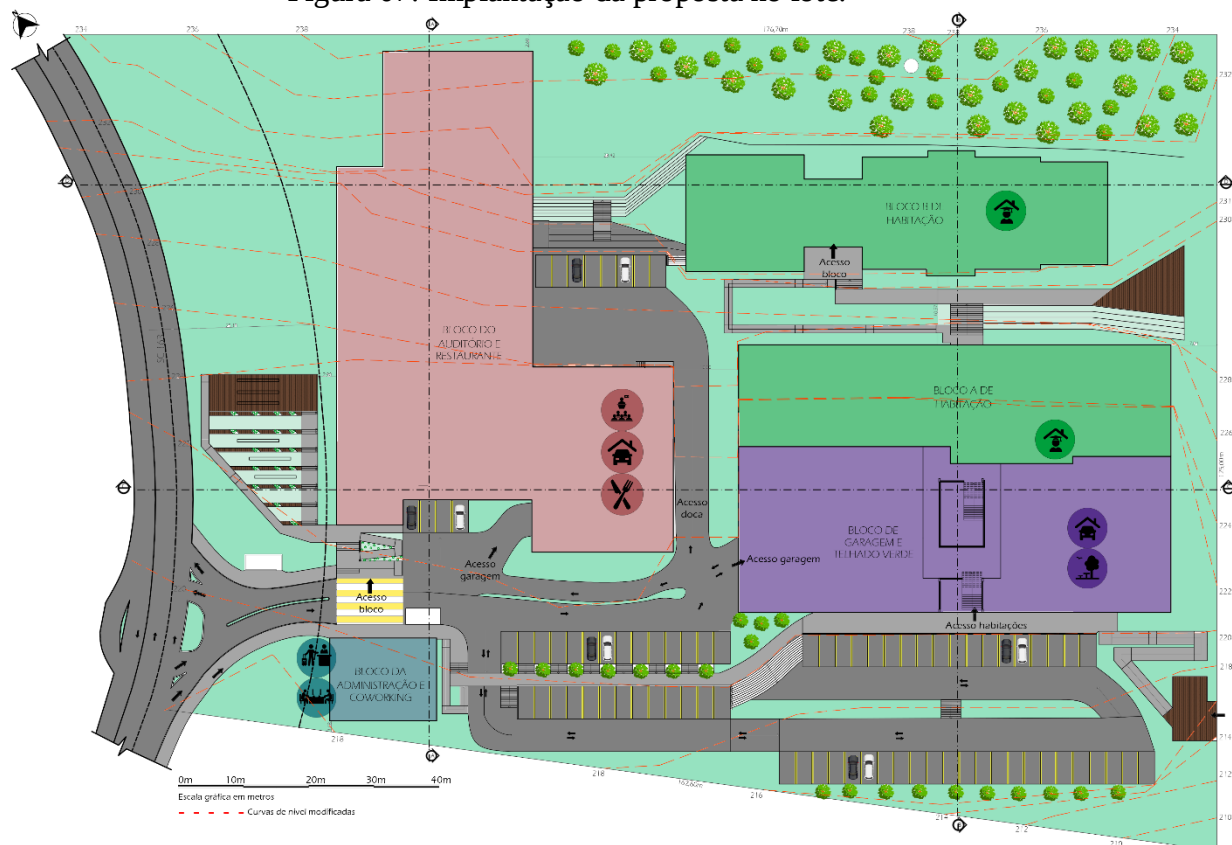
Figura 06: Acesso principal.



Fonte: Bavaresco, 2019.

Na implantação representada na figura 07, é possível entender a locação de cada bloco e seus acessos dentro do lote, bem como a ligação do projeto como um todo.

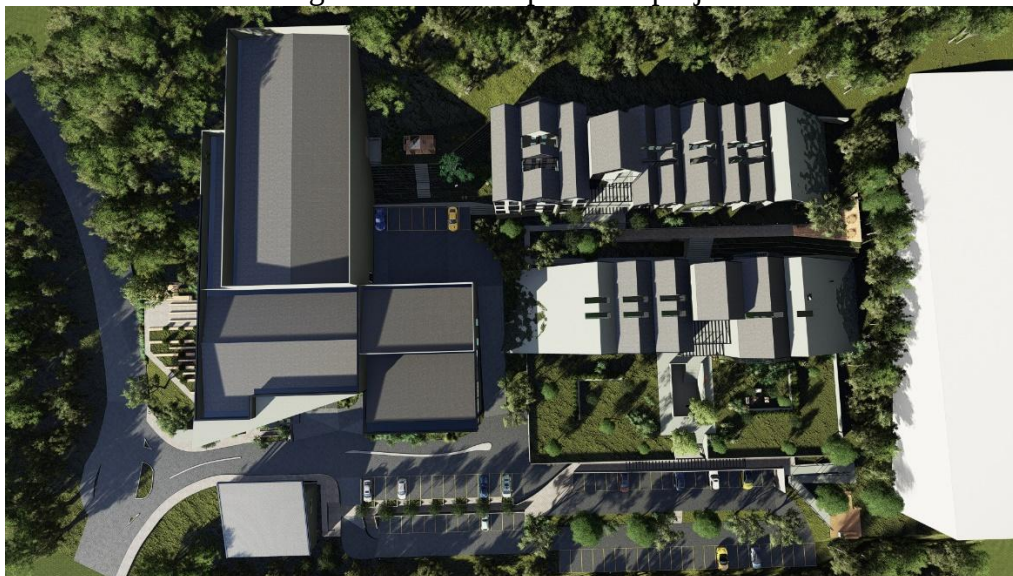
Figura 07: Implantação da proposta no lote.



Fonte: Bavaresco, 2019.

Os blocos foram distribuídos no terreno analisando os fluxos e as funções que cada um teria. O bloco Administrativo e do Auditório e Restaurante estão localizados próximos à SC 163, pelo fato de receberem o fluxo de público externo às moradias. Interligados por áreas verdes e espaços de convivência (Figura 08), os blocos das habitações ficam localizados mais próximos à Uceff, sendo de uso mais restrito e afastado do barulho da rodovia.

Figura 08: Vista superior do projeto.



Fonte: Bavaresco, 2019.

O bloco do auditório e restaurante conta com um amplo estacionamento na parte térrea e acesso às bilheterias, no segundo pavimento fica o auditório com capacidade de até 500 pessoas e o restaurante atende 108 pessoas. A fachada desse bloco (Figura 09) está estruturada com perfis metálicos e fechamento em *Glazing*, permitindo ampla visibilidade do entorno e o contraventamento da estrutura fica aparente com disposição de alguns *brises* metálicos para impedir que a insolação seja direta. A implantação do auditório tem como objetivo atender a demanda da Uceff para palestras e formaturas e complementar com o Restaurante Universitário, que oferece refeições saudáveis à baixo custo para alunos e a população em geral.

Figura 09: Fachada do auditório e restaurante



Fonte: Bavaresco, 2019.

O Bloco administrativo conta com a parte de recepção e direcionamento para os demais blocos, além de salas para *Coworking*, que podem ser locadas para o público externo ou da própria instituição. A arquitetura desse bloco segue o mesmo formato do bloco do auditório, com estrutura metálica e o concreto aparente, mantendo assim a legibilidade da proposta (Figura 10).

Figura 10: Bloco da Administração e *Coworking*.



Fonte: Bavaresco, 2019.

Para o setor habitacional, foram dispostos 2 blocos em níveis diferentes (Figura 11), permitindo a vista para o entorno e também fazendo melhor ocupação do desnível que o lote possui. São interligados por rampa e escadarias que passam em meio a vegetação e espaços de convivência.

Figura 11: Blocos de habitação



Fonte: Bavaresco, 2019.

A proposta oferece diferentes tipologias de dormitórios que atendam às necessidades de cada usuário, com dormitórios individuais, compartilhados, apartamento família e de hospedagem, este último funciona como dormitório de hotel direcionado para professores, alunos ou palestrantes que precisam de um local temporário para moradia. Todas as tipologias contam com espaço de dormitório e estudos, uma pequena copa com espaço para refeições e banheiro, o serviço de lavanderia é coletivo (Figura 12).

Figura 12: Modelos de dormitórios



APARTAMENTO FAMÍLIA
Área: 59,20m²



DORMITÓRIO COMPARTILHADO
Área: 29,23m²



DORMITÓRIO SOLTEIRO
Área: 19,17m²



DORMITÓRIO DE HOSPEDAGEM
Área: 18,00m²

Fonte: Bavaresco, 2019.

O bloco A possui acesso pelo telhado verde, que é um espaço de convivência formado acima da garagem (Figura 12). Este bloco fica elevado e nivelado a partir da inserção do subsolo com a garagem. Ambos os blocos contam com espaços compartilhados com cozinha, lavanderia, sala de estar e de estudos.

Figura 12: Bloco A de habitação



Fonte: Bavaresco, 2019.

A forma arquitetônica dos blocos de habitação tem como conceito a aparência de casa com dois telhados inclinados, garantindo o aconchego. Além disso, a proposta engloba a integração do interior com exterior, trazendo os espaços verdes para a edificação, bem como vários espaços de convivência e lazer servindo de “refúgio” para os moradores. É utilizada a mesma linguagem dos outros blocos para as fachadas, com estrutura metálica, *brises* e concreto, onde a referência industrial é predominante (Figura 13).

O Bloco B fica em nível maior do que o bloco A, nele a tipologia dos dormitórios são as mesmas, modificando apenas na tipologia dos apartamentos família, que estão todas neste bloco, com a finalidade de estarem mais restritas permitindo maior privacidade para apartamentos com mais moradores ou então famílias. Esse bloco tem o acesso somente através do bloco A, onde existe uma circulação central que direciona para os quartos ou então para o bloco B.

Os *brises* móveis na fachada dos blocos dão movimento e forma arquitetônica e foram utilizados para a proteção da incidência solar direta, além de permitir maior privacidade para os moradores, uma vez que as aberturas são grandes. Os *brises* são em perfil metálico e móveis nos locais onde as vigas transversais permitem a colocação de trilhos.

Figura 13: Bloco B de habitação



Fonte: Bavaresco, 2019.

O projeto com um todo, prioriza por espaços agradáveis em conexão com a natureza, percebe-se que muitos locais foram pensados para convivência e integração de todos os moradores e usuários em geral, com praças e *deck* que proporcionam locais para sentar e apreciar a vista para a cidade e o rio (Figura 14).

Figura 14: Espaços de convivência e lazer





Fonte: Bavaresco, 2019.

Considerações Finais

O objetivo dessa pesquisa foi estudar e entender melhor assuntos que envolvem a temática definida, para isso, utilizou-se de meios bibliográficos, levantamentos de dados e análises. A proposta é a criação do anteprojeto arquitetônico de uma moradia estudantil para a cidade de Itapiranga-SC, sendo que através de dados, foi possível identificar o crescimento da Uceff, com todo ano um crescente número de acadêmicos.

Oferecer auxílio para que os acadêmicos tenham um local de moradia e alimentação, buscando por conforto e fácil acesso ao centro de estudo além do custo favorável economicamente, é o objetivo principal de uma moradia estudantil. É importante entender o contexto para a execução de um projeto neste aspecto, principalmente a visão dos jovens universitários. Diante das diversidades dos moradores, a moradia estudantil deve atender de forma coerente tanto as características comuns, quanto as peculiaridades do grupo de estudantes.

Dessa forma, este estudo foi válido para conhecimento dos assuntos que envolvem o tema, definindo principais diretrizes para posteriormente o desenvolvimento do anteprojeto ter eficácia. Ainda, nessa pesquisa foram levantados estudos sobre a área de intervenção, para que a proposta fosse adequada conforme o lote.

Ao final desse trabalho, pode-se concluir que os objetivos foram atingidos de forma satisfatória, servindo de base bibliográfica com informações precisas para a

realização da proposta, porém sem a pretensão de esgotar o assunto. Com isso, o projeto teve sua forma arquitetônica que se destaca no local com muitos espaços humanizados visando o bem-estar de todos os usuários.

Referências

- ANDRÉS, Aparecida. Aspectos da assistência estudantil nas universidades brasileiras. **Consultoria Legislativa- Área XV – Educação e Cultura**, Brasília, 15f. ,2011.
- COSTA, G. O; OLIVEIRA, P. **Moradias Estudantis: Uma política pública na consolidação do direito à cidade**. Salvador, 2012. Disponível em: http://www.lugarcomum.ufba.br/urbanismonabahia/arquivos/anais/ex3_moradias-estudantis.pdf. Acesso em: 09 de Mar. 2019.
- FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de. As Repúblicas Estudantis e seus Significados. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. *Anais eletrônicos*. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2031/isaurora%20claudia%20martins.pdf. Acesso em: 28 mar. 2019.
- GOETTEMES, Renata Franceschet. **Moradia estudantil da UFSC: Um estudo sobre as relações entre o meio ambiente e os moradores**. 2012. 188 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- HINTERHOLZ, L. TÁCITAS E MARGINAIS: Memórias das casas de estudante autônomas de Porto Alegre e as possibilidades para a história da educação. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, p. 435-448, abril 2017. ISSN 51.
- IBGE (2010). *Censo demográfico*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/itapiranga/panorama>. Acesso em: 20 de maio de 2019.
- INEP, Portal. **MEC e Inep divulgam dados do Censo da Educação Superior 2016**. 2017. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mec-e-inep-divulgam-dados-do-censo-da-educacao-superior-2016/21206. Acesso em: 09 mar. 2019.
- LEI COMPLEMENTAR Nº 51 de 16 de Agosto de 2012. Uso, ocupação e parcelamento do solo no município de Itapiranga, 2012
- LITTLEFIELD, David. **Manual do arquiteto: planejamento, dimensionamento e projeto**. 3. Ed. Porto Alegre: Bookman,2011.

MACHADO, Otávio Luiz. **Reconstrução histórica das repúblicas estudantis da UFOP**. IV Seminário de Metodologias para projetos de extensão. UFSCar, São Carlos, 2001.

MOREIRA, Felipe Ferreira. A casa da/na transitoriedade: Experiências na migração pendular de estudantes universitários para o campus X-UEPA / Igarapé-Açu (PA). **Revista Formação (online)**, Igarapé-açu, p.127-147, abr. 2016.

SENCE. **Secretaria Nacional de Casas de estudantes**. 2008. Disponível em: <http://sencebrasil.redelivre.org.br/historico-do-mce/>. Acesso em: 09 mar. 2019.

SOUSA, Livia Mesquita de. **Significados e sentidos das casas estudantis**: um estudo com jovens universitários. 2005.112f. Dissertação (Pós-graduação em Psicologia) – Subprograma de Psicologia Social, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

VILELA JÚNIOR, Adalberto José. **Uma visão sobre alojamentos universitários no Brasil**. 5º Seminário DOCOMOMO Brasil. São Carlos, 2003. Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/003R.pdf>. Acesso: 01 de Mar. 2019.

WIESE, Ricardo Socas et al. **Moradia estudantil**: Território da coletividade. In: XVII ENANPUR,. São Paulo: 2017. Disponível em:

<http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Soes_Tematicas/ST%206/ST%206.9/ST%206.9-05.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.

ZANCUL, Juliana de Senzi. **Habitação estudantil**: Avaliação pós-ocupação em São Carlos-SP. 2007. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.